

SANTO ANTONIO DOS PINHOS EM SÃO JOSÉ DO CERRITO, SC UM TESTE PARA A BOA PARADA

Pedro Ignácio Schmitz¹

Jairo Henrique Rogge²

Raul Viana Novasco³

Marcus Vinicius Beber⁴

Suliano Ferrasso⁵

Natália Machado Mergen⁶

RESUMO

O presente relato corresponde à pesquisa arqueológica realizada na comunidade de Santo Antônio dos Pinhos, município de São José do Cerrito, SC, em 2016 e tem como objetivo responder as seguintes questões: a relação do núcleo residencial da Boa Parada com o seu entorno, a relação entre a casa subterrânea e o monumento cerimonial, e a busca de estruturas residenciais donde teriam os acampamentos de sítios como o de Rincão dos Albinos e de Taió. A pesquisa respondeu às duas primeiras questões, mas não à terceira.

Palavras-Chave: Santo Antônio dos Pinhos, casas subterrâneas, aterros-plataforma, nicho ambiental

ABSTRACT

The present account corresponds to the archaeological investigation executed, in 2016, at the community Santo Antonio dos Pinhos, municipality São José do Cerrito, SC, aiming to respond the following questions: the relation of the residential nucleus of Boa Parada with its environment, the relation of the pit house with its ceremonial monument, and the search for the residential structures which originated the camp sites at Rincão dos Albinos and at Taió. The investigation responded the two first questions, but not the third.

Key Words: Santo Antonio dos Pinhos, pit houses, platform mounds, environment

¹ Unisinos, professor, pesquisador sênior CNPq, e-mail: anchietano@unisinos.br

² Unisinos, professor, pesquisador CNPq, e-mail: rogge@unisinos.br

³ Unisinos, doutorando, bolsista do CNPq, e-mail: raulnovasco@gmail.com

⁴ Unisinos, professor, e-mail: mvbeber@gmail.com

⁵ Unisinos, laboratorista, mestrando, e-mail: suliano.ferrasso@gmail.com

⁶ Unisinos, mestranda, bolsista CAPES, e-mail: natalia.mergen@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente relato corresponde a 2016, oitavo ano da equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas estudando populações do grupo Jê Meridional em São José do Cerrito, no Planalto das Araucárias, em Santa Catarina.

O objetivo principal do projeto é compreender a forma do estabelecimento com suas diversificadas estruturas, a cronologia e a dinâmica desse povoamento, o manejo do ambiente para sua sustentação e o surgimento de uma nova paisagem. A hipótese que manejamos é de que ali se estava moldando a nova face de uma cultura e de uma sociedade.

Em pesquisas anteriores no município se tinha conseguido informação consolidada sobre a ocupação de duas áreas: a do Rincão dos Albinos, onde foram estudados acampamentos do grupo, ainda sem cerâmica, datados dos séculos VI ao X, período em que a Araucária ainda seria escassa e só formaria isolados capões pioneiros no planalto (Schmitz *et al.*, 2013a); e a de Boa Parada, onde foram estudados assentamentos bastante estáveis, com abundante cerâmica, datados dos séculos XI a XVII, um tempo em que a Araucária se teria espalhado larga e densamente pelo planalto (Schmitz *et al.*, 2013b; Iriarte e Behling, 2007). Em ambas as situações o sustento do grupo humano dependeria em larga escala da semente da Araucária. Com essas pesquisas algumas questões tinham ficado em evidência.

Primeira: O núcleo de povoamento denso e continuado de Boa Parada, que vai de 1000 a 1630 anos de nossa era, dificilmente se sustentaria contando exclusivamente com os recursos da pequena área ocupada, que tem menos de 1 km de diâmetro e soma, além de 50 casas, 4 aterros-plataforma e um 'danceiro' com 4 estruturas anelares. Mesmo que os assentamentos sejam em parte sucessivos e não simultâneos, a população local necessitaria o apoio de uma área maior, apoio a ser alcançado através de migração exploratória sazonal ou através do estabelecimento temporário de parte, ou de toda a população em área alternativa.

Buscando respostas para a questão observou-se que, num círculo bastante grande ao redor do núcleo estudado, não existem sítios ou estes são pouco densos. Sítios com uma, duas ou mais casas encontram-se dispersos a partir de 15 a 20 km de Boa Parada.

Em busca de uma resposta para este questionamento, inicialmente nosso olhar se voltou para diversos sítios registrados por Maria José Reis (2007) em Comunidades situadas ao redor e para além da Comunidade de Rincão dos Albinos, para as quais ela proporcionava alguma informação. O sítio estudado no Rincão dos Albinos não entrava em questão porque suas datas são todas anteriores. Alguns sítios dessas comunidades chegaram a ser sondados. Eles não foram escolhidos para as atividades do ano por falta de um lugar adequado para hospedar os pesquisadores e a dificuldade de locomoção em grandes distâncias por estradas de chão num verão anunciado como chuvoso por causa do El Niño. Como alternativa foram olhados sítios registrados por Reis em áreas mais afastadas, nos Campos de Lages, mas para eles não se alcançou conhecimento adequado.

Por essa razão foram escolhidos dois sítios vizinhos, registrados por Reis (2007) na Comunidade de Santo Antônio dos Pinhos, comunidade afastada 19 km da cidade e da Boa Parada. Eles também estavam isolados no campo e para eles nos poderíamos locomover, mesmo em tempo de chuva, por estarem ao lado da rodovia asfaltada BR-282. No lugar, entre montanhas, o arroio Goiabeiras forma um nicho ambiental que abriga os dois sítios, um num lado e o outro no outro lado do arroio.

Segunda: Na Boa Parada, no período antigo, séculos XI e XII, as estruturas habitacionais, em que vivia reunido o grupo social, são casas grandes e profundas, com 12 a 20 m de diâmetro e até 6 m de profundidade e, em sua vizinhança, existem grandes aterros-plataforma nos quais se teriam cremado os mortos, ou depositado as cinzas resultantes. A convivência na mesma casa grande se afigurava como o padrão de assentamento da população neste período e se podia supor que o mesmo padrão tivesse existido no período anterior. Ele contrastava com os pequenos, aglomerados e muitas vezes repetidos, acampamentos do Rincão dos Albinos, datados do século VI ao X de nossa era. Se estes eram acampamentos temporários para a coleta da semente de Araucária num bosque pioneiro, como se supunha (Schmitz *et al.*, 2013a), onde estariam suas bases residenciais, que supúnhamos serem grandes casas de ocupação coletiva, semelhantes às do período inicial da Boa Parada? A hipótese era de que estas grandes casas estivessem espalhadas pelos campos, nos sítios registrados por Reis. Em Santo Antônio dos Pinhos, cujo ambiente principal também eram campos, existem 3 casas profundas, com 13 a 15 m de diâmetro, que poderiam tornar-se uma amostra dos sítios buscados. Para lá nos dirigimos.

Terceira: Na Boa Parada, onde existem mais de 50 casas de diversos tamanhos, além de 4 aterros-plataforma e um 'dancheiro', buscamos entender o padrão de associação entre casas e monumentos de terra (Schmitz *et al.*, artigo anterior neste volume). Em outras palavras procurávamos saber como seria uma unidade de ocupação compreendendo a(s) casa(s) e suas dependências cerimoniais. Para esta relação estávamos usando proximidade entre estruturas e similaridade de datas, que haviam proporcionado sugestões importantes. Para clarear este padrão de associação, ou a unidade de estabelecimento, seria necessário encontrar situações em que a casa com suas estruturas anexas estivesse isolada de outras casas. Santo Antônio dos Pinhos oferece uma amostra para isto: o SC-CL-64 é um sítio isolado, aparentemente sem cerâmica, composto por uma casa grande, dois aterros-plataforma, um aterro-plataforma aparentemente inicial e mais um montículo funerário. No mesmo local, mas separado pelo arroio Goiabeiras, de certo potencial, existe o sítio SC-CL-63, com 2 casas grandes, 7 pequenas e alguns aterros, em que a associação seria mais difícil de estabelecer. Se a cronologia dos dois sítios fosse bastante diferente, poderíamos pensar em dois assentamentos e teríamos a oportunidade de estudar a casa com os aterros-plataforma (SC-CL-64) como uma unidade completa de ocupação, e as estruturas do SC-CL-63 como outra unidade de ocupação.

O objetivo geral continua sendo a compreensão dos sítios de São José do Cerrito. Objetivos específicos, responder as questões colocadas acima: primeiro, estudar assentamentos de periferia, que ajudem a compreender a relação entre o centro de ocupação continuada da Boa Parada e sua periferia; segundo, buscar sítios antigos, de ocupação mais continuada, a partir dos quais se teriam originado os acampamentos em Rincão dos Albinos; terceiro, testar a proposta de relação entre casa(s) e monumento(s) de terra, esboçada na Boa Parada.

A equipe estava composta, além dos que assinam o trabalho, pelos alunos de graduação da Unisinos, bolsistas Rafaela Nogueira Schwambach (CNPq), Vagner Perondi (Unisinos), Jefferson Nunes (Fapergs), Ranieri Rathke (CNPq).

2. O LUGAR, OS SÍTIOS E A ABORDAGEM

O lugar escolhido para a pesquisa chama-se Santo Antônio dos Pinhos, uma comunidade do município de São José do Cerrito, distante 19 km da sede, de fácil acesso pela BR-282.

Ali, o arroio Goiabeiras forma um nicho ambiental. O arroio, que tem 4 a 5 m de largura e regular profundidade, é ladeado por patamares suaves que no final se elevam rapidamente para terminar em altos morros aplanados (Figuras 1 e 2). Subindo o arroio em direção às nascentes chega-se rapidamente a terrenos altos, relativamente planos, cobertos por campos com poucas árvores. E descendo o arroio em direção à desembocadura a paisagem se abre em morros mais baixos que se estendem até a margem do rio Canoas, um dos formadores do rio Uruguai. A altitude local é de aproximadamente 900 m.

A composição geológica é de basaltos da Formação Serra Geral. A vegetação é de campos entremeados de bosques mistos com Araucária, que se adensam ao longo dos cursos de água e nas íngremes encostas dos morros.

A partir do século XIX a área foi povoada por pequenos fazendeiros que criavam animais e cultivavam milho, mandioca e feijão (Figura 3). Com a divisão das antigas fazendas entre os filhos, o crescimento de lavouras de soja, o florestamento com pinus e a migração dos jovens para as cidades o velho sistema comunitário mudou, mas não se extinguiu. Os que permaneceram nas propriedades nos receberam de braços abertos e não paravam de nos agradecer.

Reis estudou ali dois sítios arqueológicos: o SC-CL-64, na margem direita do arroio Goiabeiras, distante 260 m da água do arroio; ele está implantado sobre um patamar de uns 20 m de altura que forma um degrau ao redor da montanha. Paralelamente estudou o sítio SC-CL-63, na margem esquerda, sobre um patamar um pouco mais elevado e distando 250 m do arroio. A distância entre as extremidades dos dois sítios é de 500 m. O nicho ambiental que abriga os sítios está isolado num espaço de campos, consideravelmente pobres em vegetação arbórea. Com isso os dois assentamentos também permanecem isolados, estando a uns 10 km de distância os pequenos sítios mais próximos, compostos por poucas casas.

Nossa abordagem era dirigida ao registro e compreensão das estruturas dos sítios, à sua associação na formação dos assentamentos, à relação com a

paisagem e ao teste de proposições elaboradas sobre a Boa Parada no artigo anterior.

Para isso, as estruturas foram limpas, descritas, topografadas com estação central e prospectadas. Foi estudada a relação com a paisagem natural e a constituída pelos assentamentos. Finalmente buscou-se entender os assentamentos na problemática acima estabelecida.

3. O NICHU AMBIENTAL

Os sítios estão em nicho ambiental formado pelo arroio Goiabeiras na encosta elevada do planalto, entre as altas terras aplanadas e as terras onduladas em direção ao rio Canoas. Ao descer dos campos do planalto, o arroio Goiabeiras criou em sua encosta um espaço fechado por montanhas. As altas encostas retêm os ventos e as chuvas que favoreceram o crescimento da mata mista com Araucária; elas se continuam em direção ao arroio em patamares que constituem degraus e convidam para o assentamento perto da água e também favorecem a movimentação no local.

O arroio, que tem uns 4 a 5 m de largura e regular profundidade, recebe diversos pequenos afluentes e deixa meandros e trechos abandonados, que se transformaram em lagoas e banhados, ambiente de juncos e outras plantas aquáticas. O arroio, as lagoas e banhados além de plantas aproveitáveis para alimentação e artesanato, oferecem peixes, capivaras, ratões do banhado, ariranhas e aves de ambientes úmidos, além de água para uso doméstico, higiene e diversão.

A mata mista com Araucária, além de proteção, combustível e madeira, proporcionava alimentos básicos, especialmente a semente da Araucária, abundante no outono, mas que também pode ser encontrada em outras estações do ano; a goiaba serrana, o araticum azedo, a guabiroba, o guabiju, o guamirim, o araçá, a framboesa do mato e outras plantas comestíveis. Ela é hábitat de porco selvagem, veado, bugio, graxaim, tatu, lagarto, de aves como a curicaca, o papagaio, a gralha, a pomba, a perdiz, além de numerosas abelhas, larvas de troncos apodrecidos e de chão, muitos ainda presentes no local. No espaço fechado entre montanhas o arroio cria um pequeno paraíso em meio a um entorno consideravelmente desprovido de recursos.

Foi ali que a população indígena se assentou. Sua presença modificou o ambiente e o nicho ambiental se tornou uma paisagem humanizada. Muitas plantas se multiplicaram ao redor dos assentamentos porque sementes ingeridas pelos humanos, mesmo em lugares distantes foram, dias depois, descarregadas na proximidade das habitações. Muitas dessas plantas, incluindo a Araucária, precisam de luz para se desenvolver. A abertura de clareiras favoreceu o crescimento, a multiplicação e expansão destas plantas. O movimento de terra convidou diversas outras, inclusive as maiores atualmente presentes na mata como o bugre (*Lithraea brasiliensis*), que mais cresce na parede e no aterro das casas.

Assim, o movimento de terra para construção de casas subterrâneas e monumentos de terra, deu origem a um nicho antrópico, que se diversificou,

enriqueceu e consolidou com a duração dos assentamentos. Estes aproximaram, juntaram e multiplicaram recursos anteriormente dispersos. A instalação humana não representou simples exploração de elementos previamente existentes, mas seu manejo, incremento e administração social.

Alguns desses recursos, especialmente a semente do pinheiro, além de consumo imediato *in natura*, cozida ou assada, podiam ser enriquecidos através de fermentação e preservados para uso futuro através de desidratação. Em nossa pesquisa ainda não possuímos dados para dizer desde quando, neste manejo, estaria incluído algum cultivo, de milho, feijão, moranga, inhame, que ajudaria a cobrir regularmente estações mal protegidas, que tiveram destaque em trabalho de Corteletti (2012) na alta bacia do Rio Canoas. Com este manejo os grupos conseguiam maior estabilidade e segurança para seus assentamentos de grandes casas e aterros-plataforma.

O nicho teve ocupações em tempos diferentes. O SC-CL-63, ceramista, formado por diversas casas, grandes, médias e pequenas e 3 aterros tem uma casa datada em 1280 d.C. O SC-CL-64, aparentemente sem cerâmica, composto por uma casa grande e 4 aterros tem um aterro-plataforma datado em 1030 d.C.

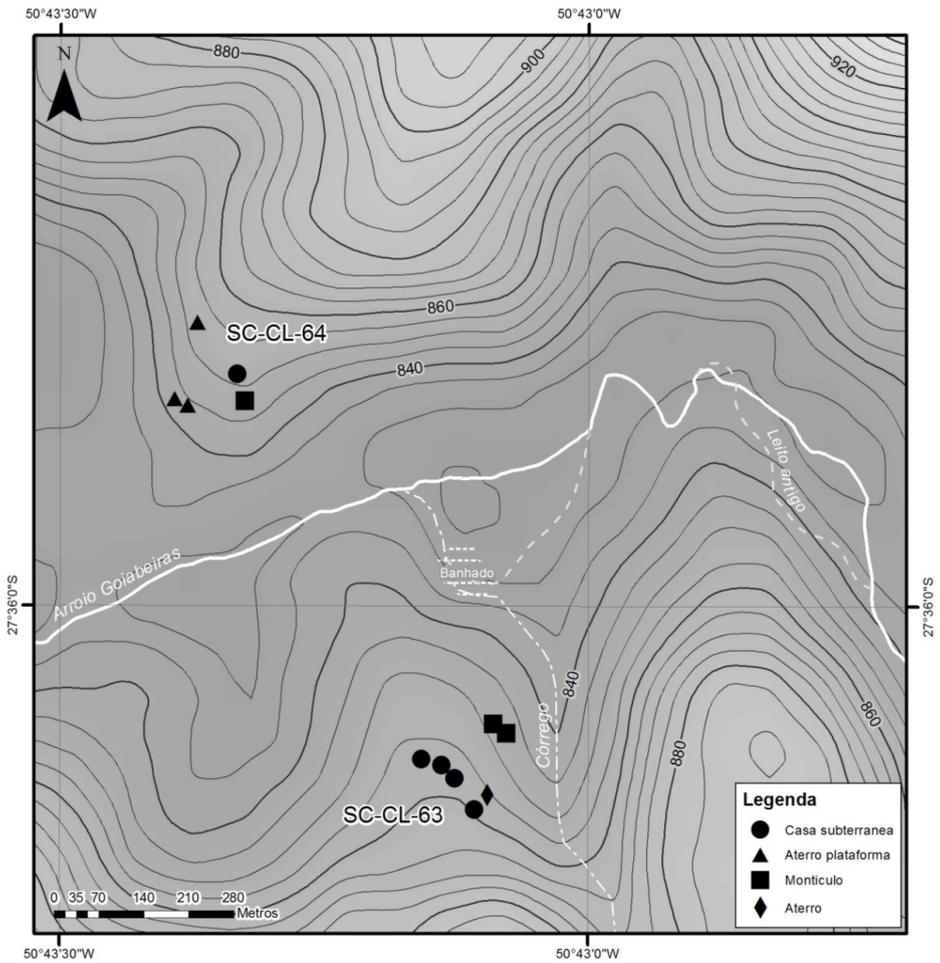


Figura 1. Topografia da área com a localização dos sítios arqueológicos.



Figura 2. O arroio Goiabeiras.



Figura 3. Sede de antiga fazenda junto ao arroio Goiabeiras, entre os dois sítios arqueológicos.

4. O SÍTIO SC-CL-63

No sítio SC-CL-63, numa ondulação de terreno coberta parcialmente por mata limpa e parcialmente por pasto de pequena propriedade agrícola, existe uma casa grande (1) com duas casas pequenas (3 e 4) e dois montículos; outra casa bastante grande mas rasa (2) tendo na proximidade o aterro correspondente à terra escavada. A água mais próxima está num minúsculo fluxo de água sem nome, que desemboca no arroio Goiabeiras a uns 250 m.

Localização geográfica: 27°36'05.6" S - 50°43' 08.1" W.

A casa 1 mede 15,80 m de diâmetro e 4,25 m de profundidade; é circundada por alto aterro que chega a 9 m de largura. Na parede da casa cresceram árvores, mas o piso e o aterro circundante estão cobertos por capim. A bem conservada estrutura é atravessada pelo gado da propriedade e era usada no brinqueado das crianças. Ela foi limpa e documentada, sem outra intervenção (Ver Figuras 4 e 9).

A casa 2, a 132 m da casa 1 e no mesmo bosque, mede 15 m de diâmetro e 1,90 m de profundidade antes da escavação; não é circundada por aterro como as demais porque se encontra no topo do terreno; a terra escavada foi levada a 31,60 m de distância e acumulada no lugar em que o terreno plano inclina rapidamente, onde formou um aterro aplanado. A primitiva escavação da casa tinha chegado rapidamente a um piso de saibro com blocos de difícil remoção, o que a deixou pouco profunda. Para corrigir a deficiência, uma terça parte da borda superior foi reforçada por 4 grandes blocos rochosos, que ajudariam a tornar mais alta a cobertura (ver figuras 4, 5 e 11).

Na parede e periferia havia árvores, mas o piso da casa e parte dos arredores estavam cobertos por grama. A casa tinha sido usada no brinqueado das crianças e continua sendo atravessada pelo gado da propriedade.

Além da documentação costumeira para caracterizar a ocupação, foi realizado um corte estratigráfico de 3 x 1 m (cortes 1 e 2), que abrangeu o centro e a parte inferior da parede da casa.

Foram realizadas 2 janelas externas, a janela 1 (1 x 1 m) a 11,20 m do centro da casa (Figura 12), e a janela 2 (1 x 1 m) a 7,4 m do centro na direção oposta (ver planta). Tanto a casa, como as janelas, mostraram pequenas fogueiras com carvão, cerâmica da tradição Itararé e algum lítico.

O aterro, resultado da terra produzida na construção da casa 2, dista 31,60 m, mede 12 m de diâmetro e na sua parte mais saliente, declive abaixo, 3 m de altura. Numa parte próxima ao centro foi realizado um corte estratigráfico de 1 x 1,5 m em cujo perfil se destaca uma espessa camada de sedimento escuro e solto, que forma o miolo do perfil, mas sem material lítico, cerâmico ou carvão (Ver Figura 13).

Entre a casa 2 e o aterro, a 16,10 m da casa foi escavada a janela 3 (1 x 1 m) e a 24 m da mesma casa, a janela 4 (1 x 1 m). A janela 3 produziu poucas evidências, além de muitos cristais, e na janela 4 se recuperaram centenas de cristais de quartzo, acumulados em pequena depressão.

A casa 3, que dista 20 m da casa 1, mede 4 m de diâmetro e 0,60 m de profundidade. Nela foi realizado um corte de 3 x 1 m abrangendo o centro e as paredes (Ver Figuras 8 e 10). Desde a superfície até 0,60 m de profundidade se

encontrou regular quantidade de carvão e, nesta profundidade, associados a pequena fogueira, numerosos fragmentos de um pequeno e fino pote de cerâmica.

A casa 4, distante 8 m da casa 3, mede 4 m de diâmetro e 0,20 de profundidade. Só foi limpa e documentada.

Os dois pequenos montículos, não muito característicos, distantes 110 m da casa 1 em direção ao pequeno fluxo de água, só foram registrados.

A 250 m da casa 1 em direção ao arroio Goiabeiras, ao lado do cemitério da antiga fazenda, em momento anterior foram identificadas mais 5 casas bastante entulhadas (Beber, 2013). Elas distam 140 m do arroio Goiabeiras. Posição geográfica: 27°36'0,30" S – 50°43'12.74" W. A casa maior tinha 10 m de diâmetro e 0,30 m de profundidade. As demais, formando um conjunto a 40 m de distância, tinham, respectivamente, 3, 4, 5 e 6 m de diâmetro e 0,30 m de profundidade. No momento da pesquisa elas estavam irreconhecíveis dentro de uma lavoura de soja.

Nas casas e no seu entorno foram realizadas as seguintes intervenções:

4.1. A casa 2

4.1.1. Corte na casa 2:

Na casa foi realizado um corte estratigráfico de 3 x 1 m (originalmente cortes 1 e 2), que abrangeu o centro e parte inferior da parede (Ver Figura 6).

Nível 1: solo escuro com bastante matéria orgânica, sem compactação, presença de muitas raízes. Ao final do nível observa-se mudança para uma camada de cor marrom claro, bem compacta. Em praticamente toda a quadrícula há fragmentos de quartzo e carvão.

Cerâmica: 4 fragmentos grossos de 1 recipiente (separados para análise de fitólitos); 2 bordas e 6 fragmentos de bojo (5,5 mm de espessura) de outro. Lítico: 1 núcleo em basalto (13,2 x 4,4 x 3,1 cm), 73 cristais, 1 fragmento de drusa pequena.

Nível 2: Coloração cor marrom claro, compactação um pouco maior, presença de raízes, algumas bem grandes. Carvões dispersos e outros em concentrações. Cerâmica no centro da casa.

Cerâmica: 1 borda furada antes da queima e 5 fragmentos (5-7 mm de espessura); 4 bordas e 24 fragmentos (2-3 mm). Lítico: 1 núcleo piramidal (11,7 x 6,7 x 8 cm), 1 lasca cortical (11 x 4,8 x 2,3 cm), 1 lasca (5,6 x 5,1 x 1,8 cm) e 1 núcleo (9,8 x 8,4 x 7,8 cm), 1 fragmento de lascamento (5-6 cm), 39 quartzos, 1 fragmento pequeno de drusa.

O carvão do centro da casa foi datado em 670 ± 30 A.P., cal. 2 sigmas 660 a 550 A.P., AD 1290 a 1400 (Beta-431942).

Nível 3: Sedimentos de coloração marrom avermelhado, compactação média. Presença de raízes grandes. No centro da casa já aparecem blocos fixos rodeados de saibro.

Cerâmica: 1 borda e 2 fragmentos (4 mm), 2 bordas e 12 fragmentos (5-6 mm); 1 borda e 1 fragmento (2 mm); 4 fragmentos (3 mm); 1 borda e 24 fragmentos (1-3 mm); 2 bordas e 5 fragmentos (3-4 mm). Lítico: 2 lascas

pequenas e 3 fragmentos de lascamento em basalto, 53 quartzos, 1 lasca pequena de calcedônia.

Nível 4: Camada de cor marrom avermelhado bem compacta, uniforme em direção à parede, no centro da casa já aparece o saibro junto com grandes blocos fixos do substrato. Sobre o piso há vários instrumentos lascados.

Cerâmica: 8 bojos do mesmo recipiente (3-4 mm). Lítico: 1 lasca cortical grande (12,5 x 5,8 x 3,3 cm), 1 lasca média (4,7 x 5,3 x 2,7 cm), 12 lascas ou fragmentos de lascamento pequenos em basalto, 1 núcleo bipolar piramidal (11,5 x 8 x 6,5 cm), 1 fragmento natural (7,2 cm), 68 quartzos, 3 fragmentos de drusas pequenas (5 cm). 2 pequenos fragmentos de quartzo leitoso, 1 pequeno seixo de calcedônia.

Nível 5: Junto à parede da casa continua solo de cor uniforme marrom amarelado, compacto. No restante da quadrícula aparece o substrato de saibro junto com os blocos de rocha.

Material: 1 lasca de basalto, 1 talhador grosseiro circular, 1 núcleo bipolar piramidal (9,5 x 9,5 x 6,3 cm), 21 cristais.

Perfil do corte (Figura 7):

Camada 1: espessura 10 cm. Pacote de cor escura, característica de camada com matéria orgânica, com presença de raízes pequenas, compactação pouca.

Camada 2: espessura 20 cm. Camada de cor marrom amarelada, com presença de raízes de tamanho médio, compactação média.

Camada 3: espessura 18 cm. Camada de cor marrom amarelada, com presença de saibro de cor amarela, compactação grande.

Camada 4: espessura 8 cm. Camada composta por blocos de basalto e saibro consolidado em toda a superfície.

Comentários sobre a casa:

A casa 2, em meia-calota rasa, era pouco profunda e, em grande parte, tinha as paredes inclinadas em direção ao piso. Para aumentar a altura, talvez firmar o telhado, foram colocados 4 blocos rochosos, cada um com aproximadamente um metro de espessura, distribuídos sobre uma terça parte da borda; um desses blocos tinha rolado e estava ao lado do corte 1, onde o piso se tornava mais plano. A colocação dos blocos possibilitaria as pessoas se movimentarem em posição ereta dentro da casa.

Dois metros do corte correspondem ao centro da casa: ali estão os lugares de pequenas fogueiras com cerâmica, artefatos líticos e cristais, formando certa continuidade; nelas foi recolhido o carvão para a datação. Não era uma camada contínua de carvão, cerâmica e instrumentos, mas pequenas fogueiras com vasilhas quebradas no lugar e instrumentos lascados dispersos, o que sugere ocupação por famílias, por períodos não muito longos, nem necessariamente próximos.

Veremos mais adiante que as duas janelas junto à casa se comportam de maneira semelhante, mostrando que as atividades não se restringiram ao interior da casa, mas envolveram também o exterior e que as duas janelas mais afastadas, entre a casa e o aterro, incluem outras atividades além daquelas ligadas à preparação de alimentos.

Como a casa foi escavada no topo de terreno aplanado não havia necessidade de um aterro para regularizar a borda; a terra retirada na escavação foi depositada a 31,60 m de distância, onde o terreno começava a declinar fortemente em direção a pequeno fluxo de água, distante 70 m, que desemboca no Goiabeiras.

4.1.2. Corte no aterro:

O aterro mede 12 m no sentido longitudinal acompanhando o declive e 13 m no sentido transversal (Ver Figura 5). O corte de 1 x 1,5 m foi estabelecido no centro do mesmo no sentido longitudinal

Nível 1: Sedimento argilo-arenoso levemente compactado, com algum saibro, muitas raízes, coloração marrom-avermelhado. Material: 14 quartzos, 1 núcleo, 2 pequenos fragmentos de drusa.

Nível 2: Início da camada com presença de saibro e diminuição dele em seu final. Sedimento marrom avermelhado com quartzo disperso no nível; sem carvão. Material: 25 cristais, 1 lasquinha de calcedônia.

Nível 3: Diminuição do saibro, sedimento marrom avermelhado, com quartzo disperso, pouco carvão. Material: 16 quartzos.

Nível 4: Sedimento argiloso marrom avermelhado, homogêneo, sem estruturas, apenas raízes; em alguns pontos mais solto provocado por apodrecimento de tronco ou raiz de árvore.

Nível 5: Igual ao anterior, mais solto e escuro, com maior quantidade de raízes e buracos de árvores apodrecidas. Material: 4 cristais, alguns lascados.

Nível 6: Como no nível 5.

Nível 7: Igual em termos gerais, com aumento de pequenos cristais de quartzo e de algum pedregulho do basalto em decomposição. Material: 68 quartzos, 2 pequenos fragmentos de drusas, 3 carvões válidos.

Nível 8: Coloração um pouco mais clara, afloramento de saibro em alguns lugares, em outros continua o sedimento. Material: 51 cristais.

Nível 9: Sedimento em geral amarelo amarronzado; no lado do terreno ascendente já o piso é de saibro consolidado com alguns blocos, mostrando ser o substrato do aterro. Material: 18 quartzos.

Nível 10: saibro consolidado. 13 cristais.

O perfil do corte (Figura 13):

Camada 1: Espessura 4 cm. Coloração escura, grande presença de raízes, principalmente de herbáceas, horizonte característico da presença de matéria orgânica.

Camada 2: Espessura 12 cm. Camada compacta, de coloração marrom avermelhado, com presença de saibro de cor amarela, poucas raízes.

Camada 3: Espessura 22 cm. Camada de terra mais solta que a anterior, de coloração mais marrom avermelhado, com algumas raízes de tamanho médio, sem saibro.

Camada 4: Espessura 37 cm. Camada espessa de terra bem solta, de cor marrom escuro, com várias raízes pequenas e médias, composta basicamente por terra.

Camada 5: Espessura 20 cm. Camada bastante compacta, de coloração marrom mais amarelado, presença de blocos consolidados, alguns em decomposição, no lado ascendente do terreno. Ela contém o piso original.

Comentários sobre o aterro:

O aterro foi construído sobre terreno de origem basáltica, que aparece como saibro com blocos rochosos, no ponto em que o terreno plano inclina rapidamente.

No aterro as camadas da escavação da casa aparecem invertidas, o que explica a presença nas camadas 1 e 2 do saibro e dos quartzos originários do fundo da casa 2. As camadas 3 e 4 se apresentam como um acúmulo de terra solta com poucos quartzos, originária do início da escavação da casa 2. A camada 5, em parte composta por sedimentos, em parte já pelo saibro do substrato, caracteriza-se por maior número de quartzos, em parte naturais do solo, em parte talvez resultantes de coleta.

O carvão é escasso em todo o aterro, não se percebem estruturas de fogo, ou cremação, nem há cerâmica. A presença de cristais de quartzo perto da base e da superfície aproxima este aterro daquele que circunda a casa do SC-CL-64; mas o diferencia do aterro-plataforma daquele sítio, que tem poucos quartzos, isolados e geralmente lascados.

Os dados caracterizam o aterro como a deposição do sedimento proveniente da construção da casa 2. Para se caracterizar como aterro-plataforma precisaria uma camada indicando cremação e uma colocação em terreno alto, não no começo de um declive.

Para ampliar o conhecimento da ocupação da casa foram abertas duas janelas junto à mesma e duas no espaço entre a casa e o aterro.

4.1.3. Janela 1 junto à casa 2:

De 1 x 1 m, a 11,20 m do centro da casa (Ver Figuras 5 e 12). O solo estava coberto por gramíneas e pequenas árvores e na superfície apareciam dois blocos rochosos delimitando um espaço no qual foi implantado o corte.

Nível 1: Camada superficial escura e compacta com folhas e raízes grandes, logo chegando a uma camada mais compacta de cor avermelhada. Num canto da quadrícula, em pequeno espaço escurecido, apareceu 1 pequena borda e 3 pequenos fragmentos do mesmo recipiente cerâmico. Ainda 2 lascas de basalto, 42 cristais e 2 pequenos fragmentos de basalto quebrados pelo fogo.

Nível 2: Mudança do solo de vermelho para mais escuro e menos compactado, com ocorrência de carvão, cristais e pequenas lascas de basalto em lugar de fogo, no canto oposto ao do aparecimento anterior. Cerâmica: 3 fragmentos (4 mm de espessura), 7 lascas (2 médias, 5 pequenas) e 43 cristais.

Nível 3: Solo escuro, continuação das raízes grandes que vêm desde o primeiro nível e do lugar de fogo com um fragmento de cerâmica em mau estado.

4.1.4. Janela 2 junto à casa 2:

A janela 2 (1 x 1 m) a 7,4 m do centro da casa na direção oposta à do anterior, entre árvores esparsas, em chão coberto por gramíneas.

Nível 1: solo avermelhado, de pouca compactação, com presença de algum carvão e pequenas raízes. Cerâmica: 3 fragmentos de bojo (4 mm de espessura), 22 cristais de quartzo.

Nível 2: solo avermelhado, com a presença de um fragmento de cerâmica próximo a um lugar de fogo, onde foi coletado carvão.

4.1.5. Janela 3 Junto à casa 2:

A janela 3 (1 x 1 m) a 16,10 m da casa em direção ao aterro, entre árvores distanciadas, em solo coberto por gramíneas.

Nível 1: solo marrom avermelhado com presença de muitas raízes e uma quantidade maior de cristais, sem cerâmica e sem sinais de fogueira.

Nível 2: solo marrom avermelhado, com presença de raízes e compactação maior que o nível anterior. Material: entre os níveis 1 e 2, uns 300 cristais e um objeto lítico quebrado pelo fogo.

Nível 3: saibro consolidado.

4.1.6. Janela 4 junto à casa 2:

A janela 4 (1 x 1 m, a 24 m da casa e 7 m do aterro, entre árvores distanciadas, em solo coberto por gramíneas.

Nível 1: solo marrom avermelhado com presença de muitas raízes e grande quantidade de cristais de quartzo, sem cerâmica e sem sinais de fogueira. Material: 104 cristais.

Nível 2: solo marrom avermelhado, com presença de raízes e aproximadamente 1500 cristais reunidos numa depressão de 30 x 40 cm de tamanho e 10cm de profundidade, feita no saibro consolidado. Durante a escavação do nível já tinham sido recolhidos 461 cristais, 7 pedaços pequenos e médios de drusas com cristais apinhados de diversos tamanhos, 3 fragmentos de drusas pequenas contendo cristais pequenos, objetos que estavam todos juntos no mesmo pequeno espaço, indicando que ai tinham sido colocados ou abandonados.

Comentários sobre as janelas:

As janelas 1 e 2 mostram cada uma 2 pequenos lugares de fogo indicando que a atividade dos moradores continuava do lado de fora da casa. Cada fogueira continha os restos de uma panela.

Os muitos cristais das janelas 3 e 4 sugerem que havia coleta deste material para manipulação e uso. Os cristais vêm da própria composição do solo basáltico. Nos sítios geralmente estão associados cristais de diversos tamanhos, desde 2 mm até mais de 2 cm, como aparecem nas drusas recuperadas; uma certa porcentagem possui claras marcas de manipulação. O acúmulo de cristais e partes de drusas numa depressão da janela 4, pode representar um lugar em que grandes drusas foram intencionalmente quebradas e o material guardado para uso futuro.

4.2. A casa 3 do SC-CL-63:

A casa 3 é uma pequena depressão escavada em forma de chapéu invertido, com bem feito aterro nivelador na parte mais baixa da ondulação em que se encontram as duas casas grandes. Como o aterro não alcançou nivelar a borda com o terreno ascendente ela não comportaria uma cobertura em forma de chapéu chinês como as casas grandes. Ela dista 20 m da casa 1, mede 4 m de diâmetro e 0,60 m de profundidade. Nela foi aberto um corte de 3 x 1 m, acompanhando a declividade do terreno (Ver Figuras 8 e 10).

Nível 1: Argila vermelha compacta nos primeiros 5 cm, nos quais apareceram alguns quartzos. Nos seguintes 5 cm os sedimentos tornaram-se mais escuros e menos compactos, sem cristais, formando uma área com grande quantidade de pequenos grânulos de carvão, além de diversos pequenos nós de pinho em decomposição. 25 quartzos.

Nível 2: A área com argila vermelha compacta aumentou das bordas em direção ao centro da casa diminuindo a área do carvão e dos nós de pinho. Ali o sedimento é mais solto e de coloração mais escura.

Nível 3: O comprimento do corte foi reduzido a 1,5 m no centro da casa. O material se restringiu a grânulos de carvão esparsos e 7 quartzos.

Nível 4: Aumenta o espaço dos sedimentos argilosos vermelhos e nos sedimentos escuros aumentam o carvão e as raízes. Material: 7 quartzos, inclusive uma lasca.

Nível 5: Nova redução do corte para 1 x 1 m, no centro. Os sedimentos continuam argilosos, de coloração marrom, com muitas raízes e consistência solta. Só aparecem grânulos de carvão.

Nível 6: Continuam os mesmos sedimentos. Em espaço reduzido, sobre o piso, no centro da casa, se evidencia uma minúscula fogueira com bastante carvão e numerosos fragmentos de um pequeno e fino recipiente cerâmico (1-2 mm de espessura). 17 pequenos cristais de quartzo.

Perfil:

Camada 1: sedimentos argilosos compactos vermelhos, com muitas raízes.

Camada 2: sedimentos argilosos soltos de coloração escura.

Camada 3: sedimentos argilosos de coloração marrom, com muitas raízes.

A estratigrafia da casa sugere ocupação breve, por grupo familiar, com atividades de cocção de alimentos, sem muitas outras atividades como indica a pouca presença de artefatos.

A vizinha casa 4, provavelmente de um período semelhante ou igual, teria uma ocupação e uma história parecidas.

4.3. A cerâmica do SC-CL-63:

Os fragmentos recolhidos no sítio SC-CL-63 têm as características morfológicas e técnicas da tradição Itararé, não se distinguindo daqueles recolhidos na Boa Parada. Ela é escura, antiplástico de areia, com formas abertas e rasas e fechadas e altas, com paredes entre 2 e 6 mm de espessura e capacidade entre meio e cinco litros. Sua presença nas fogueiras e as crostas na parede interna de muitas delas indica uso na preparação de alimentos, não no

serviço de água. Nas estruturas escavadas ela não forma estratos pisoteados, característicos de ocupações mais longas, mas os fragmentos dos mesmos recipientes continuam juntos na fogueira em que as vasilhas foram usadas, testemunhando atividades temporárias.

4.4. COMENTÁRIOS SOBRE O SÍTIO SC-CL-63:

O SC-CL-63 é um sítio cerâmico formado por 2 casas grandes, 1 média e diversas pequenas, sem aterro-plataforma, em nicho ambiental formado pelo arroio Goiabeiras numa paisagem geral mais pobre. Sua única data coloca o(s) assentamento(s) num período em que Boa Parada não parece habitada durante algum tempo, sobrando nela apenas três covas de cremação reunidas no topo de um aterro-plataforma antigo, o aterro-plataforma 3 do SC-CL-46.

Voltando às questões levantadas no começo do artigo, o sítio se enquadraria na primeira, isto é, assentamentos de complementação alimentar ou de alternância habitacional do núcleo de Boa Parada. A proposta concreta é que se trata de assentamento(s) de famílias do grupo da Boa Parada que se mudaram, temporária, periódica ou permanentemente para o nicho ambiental do arroio Goiabeiras. Como este sítio não possui um aterro-plataforma, lugar de cremar seus mortos, dois teriam sido enterrados nos montículos funerários existentes no assentamento em direção ao fluxo de água, ao passo que outros, como os três acima mencionados, teriam sido levados para a Boa Parada para cremação ou deposição das cinzas no aterro 3 do SC-CL-46. Na oportunidade teriam acampado no topo do aterro deixando uma estrutura de fogo e certa quantidade de cerâmica (Ver artigo anterior).

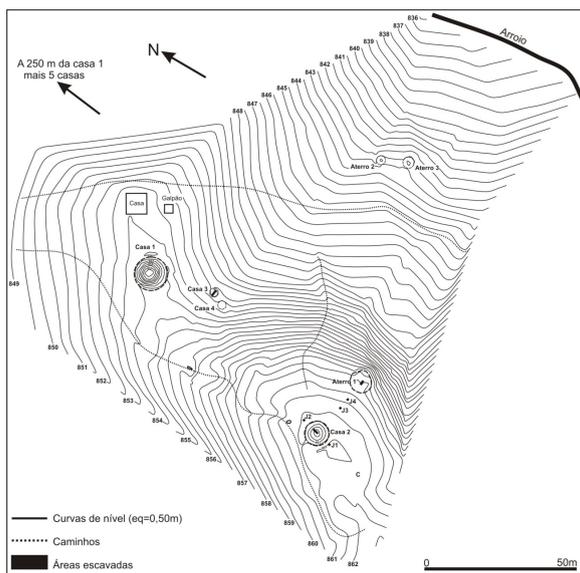


Figura 4. Localização das estruturas do sítio SC-CL-63 e sua implantação no terreno.

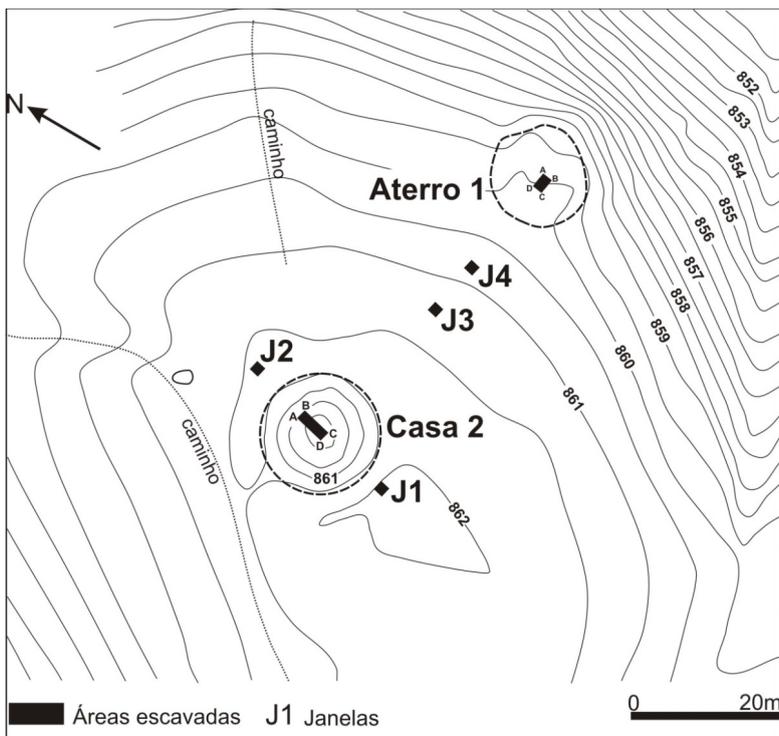


Figura 5. A casa 2 do SC-CL-63, seu entorno e as intervenções.

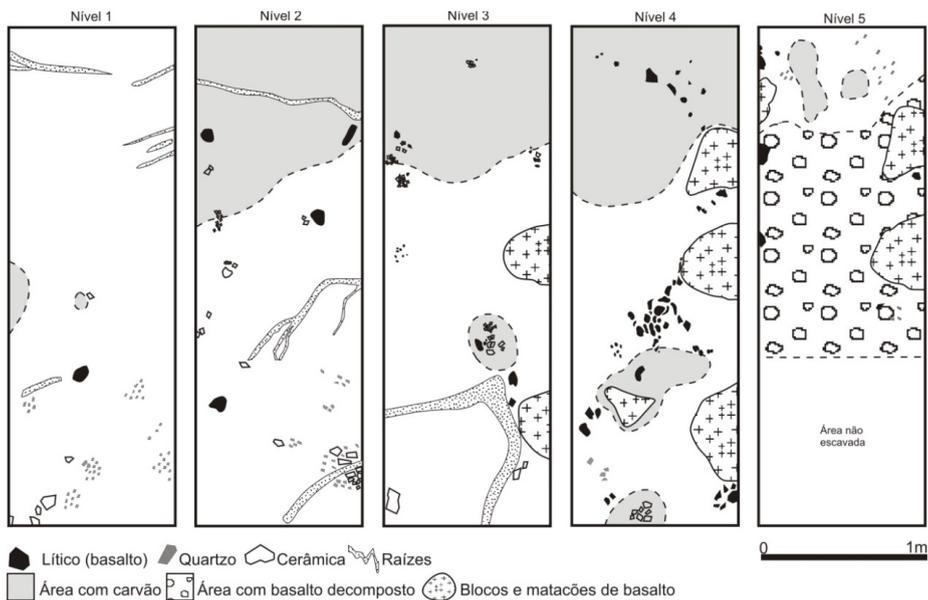


Figura 6. O material presente no corte feito na casa 2 do SC-CL-63, por níveis estratigráficos.

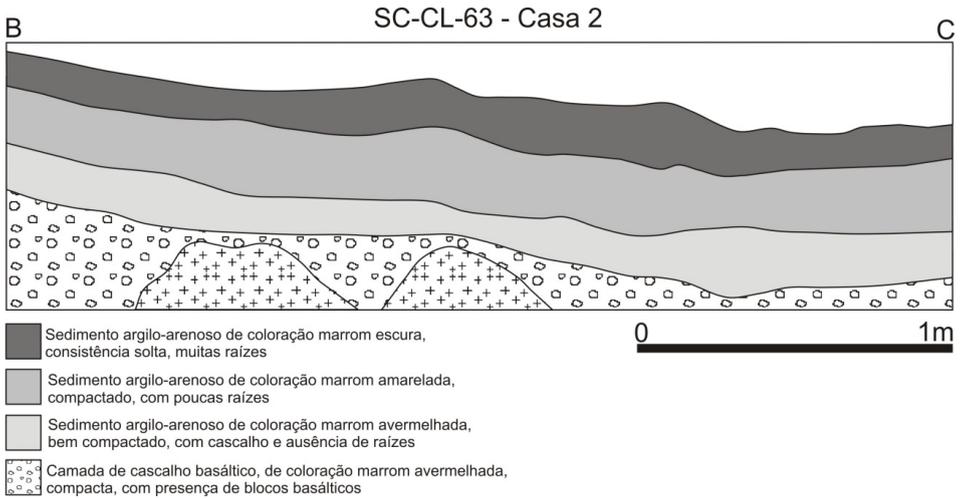


Figura 7. Perfil do corte realizado no interior da casa 2 do SC-CL-63.

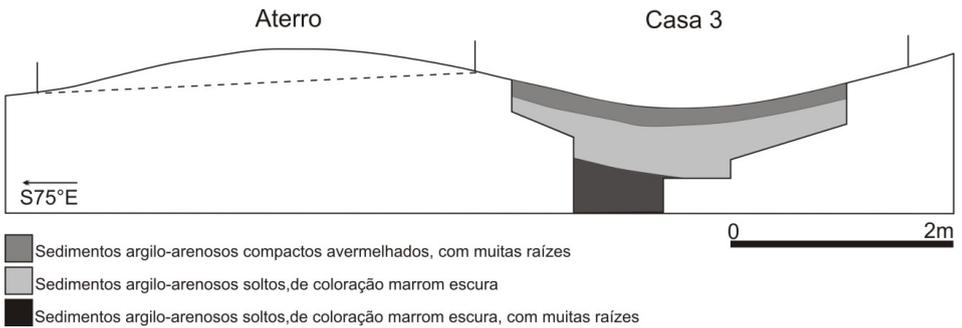


Figura 8. Perfil estratigráfico do corte feito na casa 3 do SC-CL-63.



Figura 9. A limpeza da casa 1 do SC-CL-63.



Figura 10. Escavação na casa 3 do SC-CL-63. Ao fundo aparece a pequena casa 4.



Figura 11. A casa 2 do SC-CL-63.

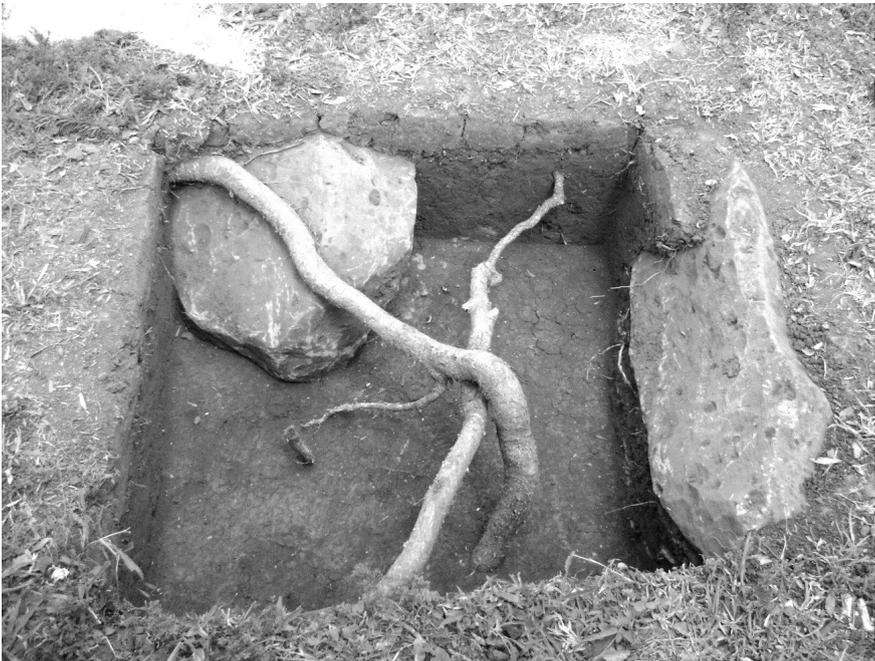


Figura 12. A janela 1 junto à casa 2 do SC-CL-63.



Figura 13. Perfil do corte no aterro resultante da construção da casa 2. Para as camadas ver o texto.

5. O SÍTIO SC-CL-64

O sítio SC-CL-64, hoje em mata mista com Araucária, entremeada de pastos limpos de pequena fazenda, compõe-se de uma casa grande, dois aterros-plataforma desenvolvidos, um terceiro incipiente e um montículo funerário, num espaço com menos de 150 m de diâmetro (Figura 14). O sítio dista 260 m do arroio Goiabeiras.

Localização geográfica 27°35'48.5" S – 50°43'19.5" W. A proprietária do terreno é Ângela Motta.

Ao tempo de Maria José Reis a casa media 15 m de diâmetro e 4,8 m de profundidade. Posteriormente, o proprietário Alceu Motta, pai de Ângela, recentemente falecido, tentou transformá-la em piscina para os filhos enchendo-a com água trazida de uma nascente da encosta da montanha. Como o aterro solto, que forma a parede da casa, não segurava a água, Alceu removeu uma parte da parede para consolidar o fundo com um metro e meio de terra; com isso reduziu a profundidade aos atuais 3,30 m. Mesmo assim, a piscina não deu certo.

A casa é circundada por um aterro plano cuja largura máxima é de 10 m, a espessura de 1 m. Nas paredes bastante verticais da casa e na borda externa do aterro crescem árvores grandes, especialmente bugre e araucária, mas a superfície do aterro é limpa, coberta por capim, como grande parte dos

arredores, onde pasta o gado da pequena fazenda de Ângela. Na casa morreram, ou foram jogados vários animais mortos.

Devido às intervenções do proprietário não se realizou nenhum corte na casa, mas no aterro que a circunda foram abertas 3 janelas estratigráficas de 1 x 1 m e 1 janela estratigráfica de 2 x 1 m, distribuídas em locais considerados estratégicos (Ver Figuras 14 e 16). Elas mostraram algum material lítico, especialmente cristais de quartzo e carvão, mas nenhuma cerâmica.

O primeiro aterro-plataforma, distando 96 m da casa, em terreno plano, mede 12 m de diâmetro e 1,60 de altura; está coberto por árvores como seus arredores (Figura 17). Na sua borda mais alta foi realizado um corte estratigráfico de 0,80 x 2m, que, na base continha abundante carvão.

A 9 m dele em direção a casa existe outro aterro com 8,30 m de diâmetro e 0,60 m de altura, com uma rasa vala acompanhando parte da borda, que pode ser um aterro-plataforma ainda pouco desenvolvido junto a um maior (Na Figura 14 está indicado como aterro-plataforma 2). Nele não se realizou nenhuma intervenção, além de limpeza e documentação superficial.

A poucos metros dos aterros, na borda de velho caminho, existem alguns acúmulos irregulares de terra, que consideramos resultantes de trabalhos de manutenção do caminho.

A uns 80 m da casa, em direção Noroeste, existe outro aterro-plataforma com 13 x 15 m de tamanho e 1,40 m de altura (Figura 18; na Figura 14 está indicado como aterro-plataforma 3). Ele só foi limpo e documentado superficialmente, sem outra intervenção.

Na direção Sul, a 42,30 m da casa, foi observado um montículo alongado, com aproximadamente 6 m de comprimento por 3 m de largura e 1,80 m de altura, com uma funda vala no lado ascendente do terreno. Ele se parece com os montículos funerários observados especialmente em sítios arqueológicos de São Marcos, no Rio Grande do Sul (Rogge e Schmitz, 2009). Nenhuma documentação ou intervenção foi realizada.

5.1. AS JANELAS DO ATERRO DA CASA (VER FIGURA 14):

A casa compõe-se da depressão e do aterro que a circunda; sobre este se apoiaria a cobertura da casa em forma de chapéu chinês. A borda externa do aterro, que está bem destacada por um desnível de um metro de altura e o crescimento de grandes árvores, especialmente de bugre, estaria reforçada por uma estacada de paus que dariam privacidade e segurança aos moradores (Schmitz *et al.*, 2023b). Neste espaço protegido se teriam desenvolvido atividades, que as janelas abertas em diversos locais, procuraram visualizar.

5.1.1. Janela 1:

A janela de 1 x 1 m, dista 5 m da borda da casa, no seu lado direito onde o aterro é mais estreito e mais raso e estava coberta por grama.

Nível 1: Sedimentos vermelhos argilosos compactos, com muitas raízes. Num canto apareceram pequenos fragmentos de carvão.

Nível 2: Sedimentos argilosos vermelhos menos compactos, com textura granulosa e poucos grânulos de carvão. Ocorrência de um seixo rugoso de basalto (8,2 x 3 x 6 cm), 1 fragmento de basalto (de fogão), 16 quartzos.

Nível 3: Sedimentos argilosos vermelhos com textura granulosa, pouco compactos e com poucas raízes. Continua aparecendo carvão. 17 quartzos.

Nível 4: Sedimentos argilosos vermelhos com textura granulosa, pouco compactos. No centro da janela um seixo de basalto fraturado, no mesmo lugar em que o encontrado no nível 2. Num dos vértices do corte há concentração de carvão e muitos quartzos, alguns lascados. 63 cristais de quartzo, 1 seixo médio.

Nível 5: Sedimentos argilosos vermelhos, textura granulosa, pouco compactos. Raras raízes. Grânulos de carvão ocorrem numa metade do corte. Na base do nível aparece argila com saibro (basalto decomposto) com maior compactação. 110 quartzos, 1 pequeno núcleo de calcedônia meteorizado.

Nível 6: Sedimentos argilosos vermelhos, mais compactos, com cascalho de basalto. Ocorrem muitos quartzos, sempre em cima da camada de cascalho. 580 cristais de quartzo, 4 fragmentos quebrados pelo fogo.

Perfil (Figura 15):

Camada 1: Espessura 10 cm, sedimentos argilosos vermelhos, compactos, com muitas raízes.

Camada 2: Espessura 42 cm, sedimentos argilosos vermelhos, mais soltos, com textura granulosa, poucas raízes. Contém carvões e esparsos fragmentos de quartzo, raros objetos de basalto.

Camada 3: Espessura 8 cm, sedimentos argilosos vermelhos, compactos, raras raízes. Muito cascalho de basalto decomposto. Grande quantidade de quartzo no topo da camada.

5.1.2. Janela 2:

A janela de 1 x 1 m, dista 3 m da borda, está junto ao que se supõe a saída da casa, entre as janelas 1 e 3; também estava coberta por grama. Sua estratigrafia é semelhante à da janela 1. Cristais e carvões apareciam dispersos em todos os níveis.

Nível 1: 54 quartzos.

Nível 2: 56 quartzos e pedaço de pequena drusa.

Nível 3: 24 quartzos, 1 pequeno seixo.

Nível 4: Sedimento com saibro em todo o nível. 40 quartzos.

Nível 5: 15 cristais e 1 lasca pequena.

Nível 6: Maior presença de carvão associado a cristais de quartzo e lasca de calcedônia. 44 quartzos e 3 pequenas lascas secundárias de calcedônia.

Nível 7: Sedimento compacto com pequenas raízes. 23 quartzos e 1 pequeno fragmento de drusa.

Ver perfil na Figura 15.

5.1.3. Janela 3:

A janela de 1 x 2 m dista 6 m da borda da casa, no lado esquerdo de quem chega, onde o aterro é estreito, mas alto; é por onde se chegaria ao primeiro

aterro-plataforma. O metro 1 do corte corresponde à parte mais nivelada, o metro 2 ao declive da borda do aterro.

Nível 1: Primeiro metro: na face superior de cor marrom avermelhada, bem compacta; na face inferior de cor escura, com raízes pequenas e terra solta. Segundo metro: camada de cor marrom avermelhada, bastante compacta, com a presença de muitas raízes médias. 2 lascas médias de basalto, 29 quartzos, 1 nucleiforme de calcedônia meteorizado.

Nível 2: Primeiro metro: cor um pouco mais escura, menos compacta, sem raízes e 12 quartzos. Foi coletado algum carvão. Segundo metro: terra mais escura, compactação média a pequena, com poucas raízes médias. Sem carvão e sem quartzo.

Nível 3: Primeiro metro: terra marrom escura, pouco compactada, com raízes. Apareceu carvão em boa parte da quadrícula. 5 fragmentos de quartzo. Segundo metro: Camada de cor escura, compactação pequena, sem raízes e sem carvão ou cristais.

Nível 4 e 5: Após o nível 3 não se encontraram evidências arqueológicas. No primeiro metro se registrou um buraco de tatu. Não se evidenciou carvão ou quartzo. No limite entre o nível 4 e 5 apareceram 3 fragmentos de quartzo e 1 fragmento pequeno de calcedônia meteorizada.

Perfil do primeiro metro, parede A:

Camada 1: Espessura 5 cm, terra escura com raízes pequenas.

Camada 2: Espessura 11 a 15 cm, cor marrom avermelhada com saibro e compactação firme; camada com indícios de ocupação

Camada 3: Espessura 40 cm, camada de cor escura com grandes raízes e compactação pequena.

5.1.4. Janela 4:

A janela de 1 x 1 m dista 7,5m da borda da casa, está em local em que o aterro estava rebaixado e estaria aberto em direção ao arroio Goiabeiras; também estava coberta por grama.

Nível 1: solo escuro orgânico, solto, até 5 cm, depois amarelado. 22 cristais.

Nível 2: coloração avermelhada, mais compacto, presença de raízes, ocorrência de cristais e alguns carvões.

Nível 3: coloração avermelhada, bem compacto, pequenas raízes, cristais e maior quantidade de carvão. 18 quartzos, 1 pequena lasca de calcedônia.

Nível 4: coloração menos avermelhada, menos compacto devido à presença de uma raiz apodrecida, sem vestígios arqueológicos.

Nível 5: avermelhado, com uma concentração de carvão num canto do corte, presença de algumas raízes.

Nível 6: foi aprofundado só no canto em que aparecia carvão. Nada mais se evidenciou.

5.1.5. Comentários sobre as janelas do aterro da casa:

Na dificuldade de escavar o interior da casa, abrimos janelas no aterro circundante para ter uma ideia de sua construção e uso.

O aterro alcança 10 m de largura e 1 m de espessura no lado que dá para o arroio Goiabeiras; ao redor de 5 m e até 1,50 m de espessura nos outros três lados. Na superfície o sedimento se tornou mais compacto pelo trânsito humano e animal, mas o pacote principal continua de terra solta, testemunhando que ele surgiu de uma só vez, de atividade coletiva na construção da morada.

Nas janelas aparecem quartzos e carvão, geralmente dispersos, alguma vez agrupados formando pequenas estruturas com algum carvão. O quartzo é abundante nos níveis inferiores da janela 1, mas é também representativo em todos os níveis da janela 2; em outras janelas ele aparece em menor quantidade. O aparecimento de carvão disperso, de pequenas estruturas de fogo e de quartzos lascados, indica que durante a construção do aterro e depois de sua conclusão houve nele algumas atividades, sem utilização de cerâmica.

Como o aterro é parte essencial da casa (seu pátio cercado) ele costuma dar ao menos uma ideia da ocupação da sua parte rebaixada. Com base nesta constatação podemos supor que no interior a cerâmica também estaria ausente, ou seria pouca. Como na Boa Parada, a casa grande, compreendendo a depressão e seu aterro nivelador, seria a habitação de uma comunidade plurifamiliar, que nela se abrigaria e desenvolveria as atividades domésticas do dia-a-dia.

Buscando ampliar a compreensão do assentamento, isto é, da habitação com suas outras estruturas, foi aberto um corte estratigráfico num dos aterros-plataforma.

5.2. O aterro-plataforma 1:

O aterro-plataforma dista 96 m da casa, está em terreno naturalmente plano, mede 12 m de diâmetro por 1,60 de altura, tem bordas acentuadas e topo plano (Figura 17). Na borda mais ereta foi realizado um corte estratigráfico de 0,80 x 2 m, que abrange parte do topo e a metade superior da declividade. Inicialmente estava marcada a continuação por mais 2 metros para atingir a metade inferior da declividade, mas o tempo foi insuficiente para escavar esta outra parte.

Nos primeiros 7 níveis a escavação acompanhou a declividade do aterro atingindo o topo e a encosta. Nos níveis 8 a 10, para tornar a escavação horizontal, só foi removido o metro correspondente ao topo. Nos últimos níveis a escavação voltou a abranger os dois metros.

Nível 1: sedimento areno-argiloso, pouco compacto, marrom, com raízes e saibro. 1 seixo médio a grande, 1 seixo médio, 1 lasca média de basalto, 1 lasca pequena de calcedônia, 20 quartzos.

Nível 2: sedimento areno-argiloso, levemente mais compacto, com mais raízes, com saibro e, por todo o nível, esparsos fragmentos de carvão associado a dois blocos líticos, indicando uma área de combustão. 10 quartzos.

Nível 3: primeiro metro (junto ao topo): sedimento areno-argiloso pouco compactado, de coloração marrom, com presença de poucos fragmentos de carvão. Segundo metro (em direção à borda externa): sedimento areno-argiloso levemente mais compactado, de coloração marrom, presença de blocos de

estrutura de fogo e carvão espalhado em toda a camada. Material: 1 seixo de basalto (10 x 5,2 x 2,7 cm), 1 fragmento térmico de basalto (4 x 4,2 x 2,1 cm).

Nível 4: em toda a camada ocorre sedimento areno-argiloso de coloração marrom, pouca compactação, com presença de raízes. Esparso por todo o nível ocorre carvão e blocos de basalto em decomposição. 1 pequeno núcleo de calcedônia, 1 fragmento pequeno, 5 fragmentos médios e 2 fragmentos grandes de basalto, 1 quartzo.

Nível 5: primeiro metro: sedimento areno-argiloso pouco compactado de coloração marrom, com presença de raízes e carvão, 4 seixos pequenos de basalto, 1 lasca fina de quartzo. Segundo metro: sedimento areno-argiloso, pouco compactado, de coloração marrom, com raízes e pouco carvão.

Nível 6: A quadrícula apresenta três espaços: todo o primeiro metro e o segundo com exceção de pequena faixa (10 cm) são de sedimento areno-argiloso e coloração marrom, pouco compactado, com presença de carvões esparsos; seguem 10 cm do segundo metro que é de saibro selecionado, marrom amarelado, no qual também se encontra carvão esparso; a terceira faixa, estreita, é novamente como a primeira, com menor compactação e grandes fragmentos de carvão. 1 núcleo de quartzo. Esta divisão aparece melhor no perfil, onde a faixa de saibro selecionado, marrom amarelado, representa pequeno estrato cobrindo a de muito carvão.

Nível 7: temos novamente 3 espaços: no primeiro metro e quase todo o segundo, sedimento areno-argiloso levemente compactado, coloração marrom e presença esparsa de carvões; no segundo metro novamente a estreita faixa de saibro marrom amarelado e grandes fragmentos de carvão; depois uma faixa de sedimento areno-argiloso levemente compactado, coloração marrom, com grandes fragmentos de carvão, mas em menor quantidade que na faixa de saibro selecionado e um bloco de basalto em decomposição, além de uma lasca de quartzo.

As faixas registradas nos níveis 6 e 7 indicavam que a remoção não acompanhava as camadas de deposição, mas as cortava em diagonal.

Níveis 8 a 10: só foi removido o primeiro metro para horizontalizar o corte usando como referência o estrato de saibro marrom amarelado do nível 6. O sedimento desses níveis é areno-argiloso, de coloração marrom, pouco compacto, com presença de carvões esparsos.

Nível 11: na maior parte do corte (primeiro e parte do segundo metro) o sedimento é areno-argiloso, pouco compacto, com grande densidade de carvão; esta camada está situada abaixo do nível de saibro marrom amarelado; em direção à periferia já aparece o substrato natural. 1 núcleo de quartzo.

O carvão desse nível foi datado em 920 ± 30 A.P., cal dois sigmas 900 a 870 e 1145 a 1220 A.P., AD 1050 a 1080 e 1145 a 1220 (Beta-411918).

Nível 12: A maior parte da quadrícula é de sedimento argiloso pouco compacto, coloração marrom; carvão só ocorre em pequena concentração; o segundo espaço é de saibro consolidado como no nível anterior.

Nível 13. Sedimento areno-argiloso compactado, sem raízes, com poucos fragmentos de carvão, continuidade do nível anterior. Um pequeno bloco de

basalto (8 x 6 x 3 cm) e 2 seixos médios. No outro espaço, saibro consolidado. 1 núcleo de quartzo.

Nível 14. Sedimento argiloso compacto de cor marrom, com presença de carvão e 8 seixos do mesmo tamanho e 1 fragmento menor, distribuídos pelo início do nível. Os seixos indicam a primeira estruturação do espaço para uma atividade de cremação. Em sua extremidade externa aparecem os blocos líticos fixos, que se haviam tornado visíveis desde o nível 7. Material: 5 lascas de quartzo, 2 lascas pequenas de calcedônia

Perfil (Figura 19):

Camada 1: espessura 20 cm, caracterizada por sedimento areno-argiloso, pouco compactado, de coloração marrom. Nesta camada verifica-se a presença de algum cascalho e de raízes de tamanhos variados.

Camada 2: espessura 30 cm, sedimento areno-argiloso pouco compacto, de coloração marrom, bastante penetrado por raízes. Algum carvão e objetos líticos.

Camada 3: espessura 60 cm, intermediária, caracterizada por sedimento areno-argiloso frouxo, de coloração marrom, com algumas raízes. Poucos e esparsos carvões e objetos líticos.

Camada 4: espessura 10 cm, camada de saibro selecionado, Marrom amarelado, com carvões grandes e bem preservados.

Camada 5: espessura 10 cm, caracterizada por sedimento areno-argiloso frouxo e grande densidade de carvões grandes bem preservados. Nesta camada formam-se lentes de carvão misturados a sedimento mais escurecido.

Camada 6: camada da base, caracterizada por sedimento argiloso compacto, de coloração marrom mais claro que os anteriores. Nesta camada ocorrem blocos rochosos da superfície natural do terreno.

Comentários:

O aterro foi construído sobre terreno plano, argiloso, originado da decomposição de basalto, que aparece como saibro, incluindo blocos rochosos meteorizados, representado pela camada 6.

A camada 5 testemunha grande atividade de fogo com madeira consistente; sua base é marcada por pequenos seixos dispersos, que fazem parte da estrutura de fogo. Apesar de não se observarem restos de ossos, esta se supõe a superfície da primeira e principal cremação.

A camada 4 representa o fechamento ou vedação da área de cremação com saibro selecionado, mais claro, que incorporou parte do carvão da camada inferior.

A maior parte da camada 2 e toda a 3 são acúmulo de terra solta, sem estruturação, contendo algum carvão e artefatos isolados de quartzo. Servem para dar volume ao monumento destacando o evento da cremação e seu fechamento com saibro selecionado.

A imagem que o corte proporciona é a de um aterro levantado sobre um importante evento de cremação, com novas atividades rituais ou cotidianas nas camadas 1 e 2 em momentos posteriores à construção.

O que chama atenção é a ausência de cerâmica e a pequena quantidade de quartzo e de outros artefatos líticos em todas as camadas do monumento, distinguindo-o do aterro da casa.

A data e as características do aterro coincidem com as dos aterros-plataforma junto a grandes casas na Boa Parada.

5.3. COMENTÁRIOS SOBRE O SÍTIO:

O sítio SC-CL-64 é um assentamento formado por uma grande casa, com largo aterro circundante, dois aterros-plataforma, possivelmente um terceiro aterro-plataforma ou uma estrutura anelar e um pequeno aterro funerário. As janelas escavadas no aterro da casa e o corte no primeiro aterro-plataforma foram as estratégias para entender minimamente a ocupação do sítio. Trata-se de assentamento com a data e as características dos assentamentos do século XI da Boa Parada.

Com isso voltamos às questões levantadas no começo do artigo. Na primeira questão falava-se de assentamentos complementares, ou alternativos para o núcleo de Boa Parada. O sítio estudado pode ser considerado um assentamento alternativo para os primeiros povoadores daquela área. A segunda questão procurava sítios grandes como residências centrais para os acampamentos no Rincão dos Albinos. A distância entre os dois é de apenas uns 15 km e Santo Antônio dos Pinhos seria bom candidato, mas as datas, consideravelmente diferentes, não permitem esta associação. A terceira questão buscava a ligação entre as casas ou conjuntos de casas e os monumentos de terra correspondentes. O assentamento SC-CL-64 é uma amostra perfeita para a questão: um sítio isolado composto por uma casa grande e seus diversos aterros; ele deixa claro que no começo do povoamento a casa grande, em que morava a comunidade, possuía seu próprio aterro-plataforma para cremação dos mortos, além de eventuais montículos de enterramento individual.

Se os dois sítios do arroio Goiabeiras tivessem características e datas ao menos parecidas poderíamos pensar numa ligação funcional entre eles, com o SC-CL-64 como o núcleo ritual do conjunto; mas as características e as datas são bastante diferentes.

Com relação à criação de uma nova paisagem, no sítio SC-CL-64, cujo ambiente está mais preservado, foi possível observar como a abertura de clareiras para a construção de casas e de aterros interferiu no relevo e ofereceu oportunidades para a expansão de plantas pioneiras, inclusive a Araucária; e a permanência humana criou, no entorno do assentamento, um variado horto de árvores frutíferas.

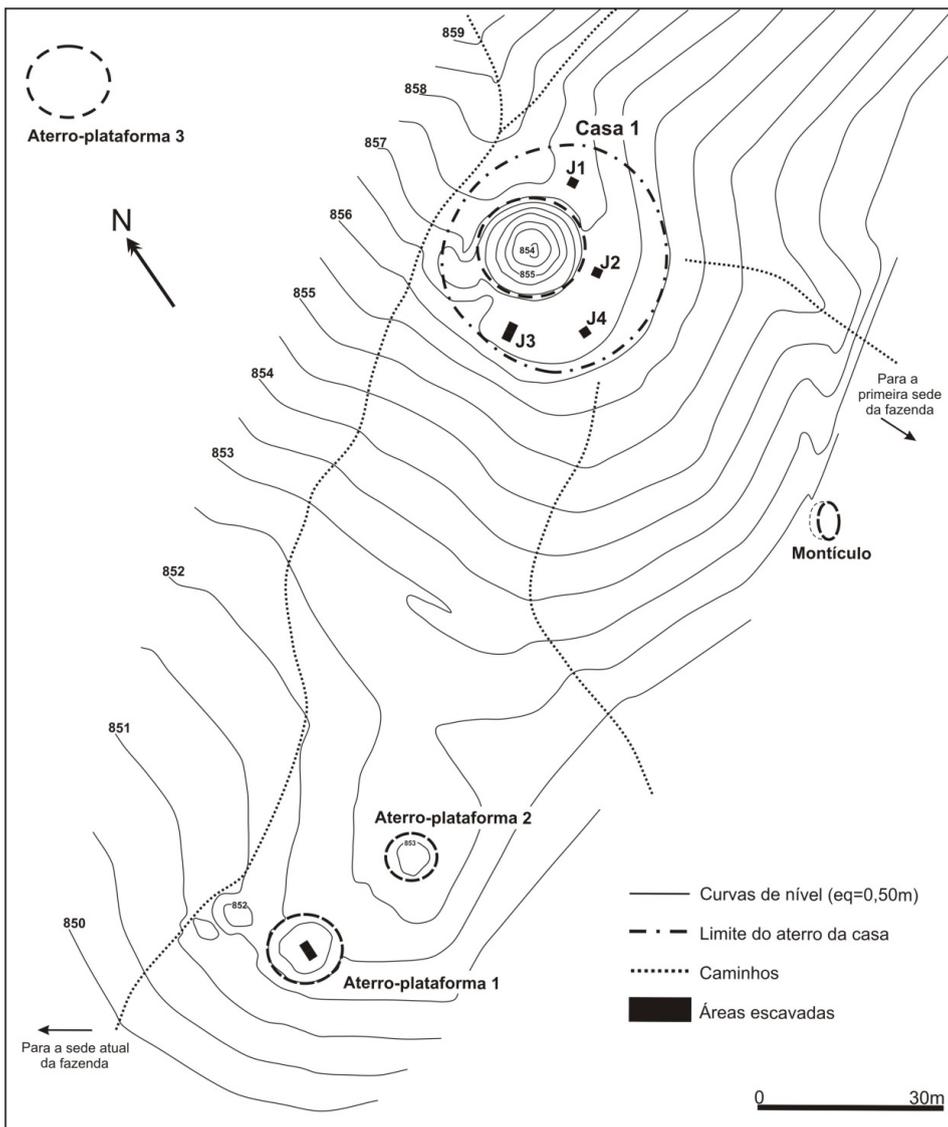


Figura 14. As estruturas do sítio SC-CL-64.

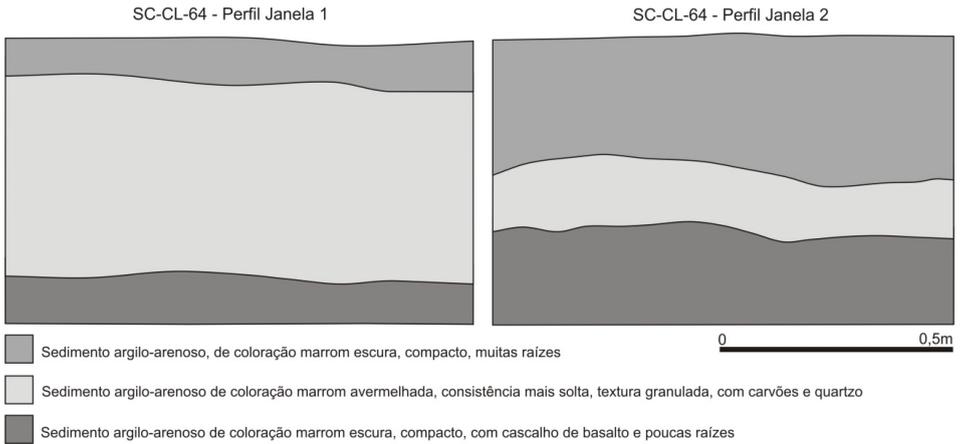


Figura 15. Perfis dos cortes 1 e 2 feitos no aterro da casa do sítio SC-CL-64.



Figura 16. Realização de cortes estratigráficos no aterro que circunda a casa do SC-CL-64.



Figura 17. O aterro-plataforma 1 do SC-CL-64.



Figura 18. O aterro-plataforma 3 do SC-CL-64.

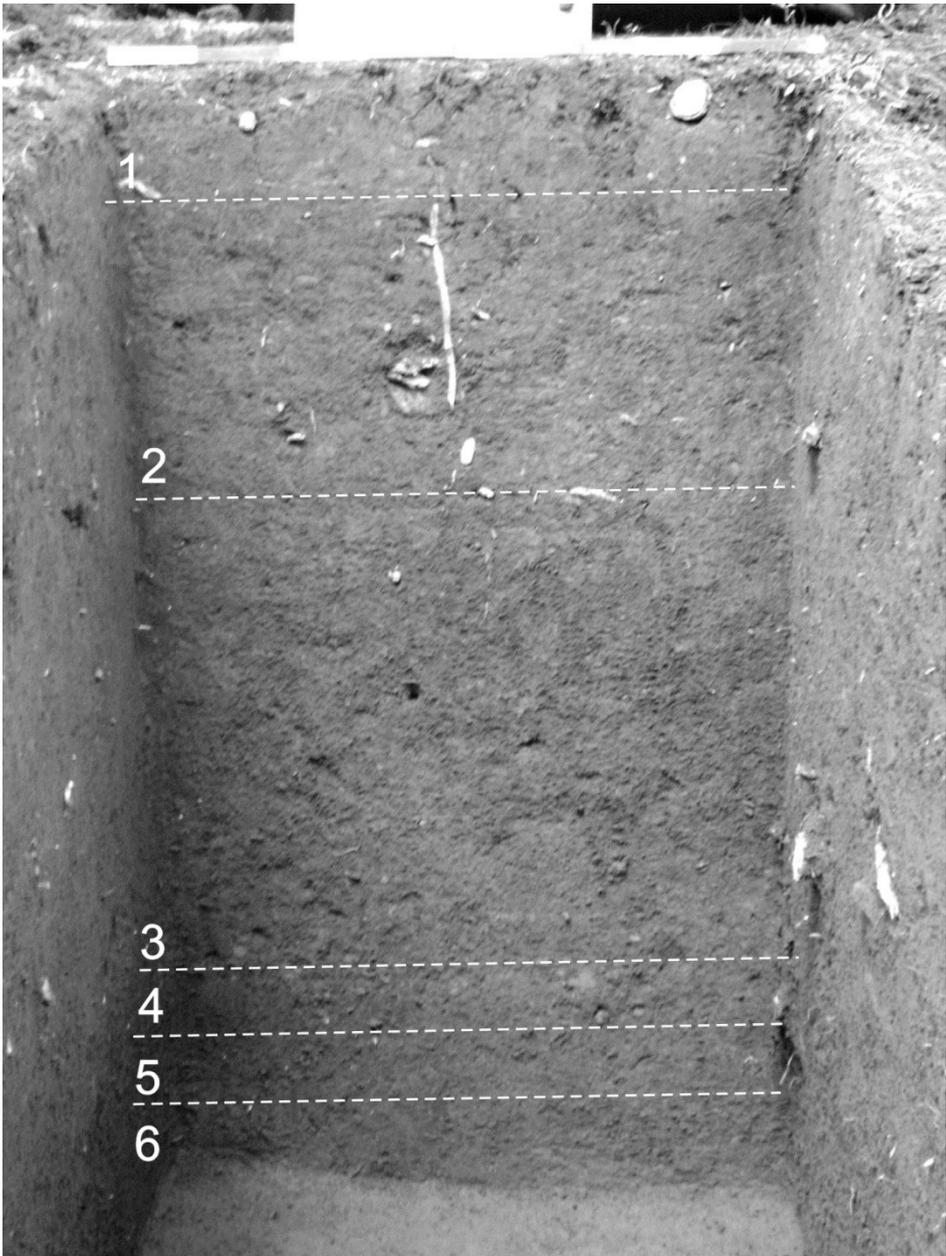


Figura 19. Perfil estratigráfico do corte feito no aterro-plataforma 1 do SC-CL-64: camada 5, de carvão de cremação; camada 4, de saibro selecionado marrom amarelado; camada 3 de aterramento; camadas 2 e 1, de aterramento com alguma atividade posterior.

6. OS ARTEFATOS LÍTICOS DO SC-CL-63 E 64

Os artefatos líticos podem ser divididos em três categorias em razão de sua matéria prima: basalto de origem local, representado por seixos ásperos de pouca ou nenhuma utilidade humana; blocos mais bem formados, que se transformaram em núcleos bipolares piramidais ou prismáticos com uma ou duas cicatrizes, lascas e talhadores rudimentares; calcedônia, formada no basalto, que aparece em poucos núcleos e lascas unipolares; e cristais de quartzo hialino, que também se forma no basalto em drusas de diversos tamanhos.

Os quartzos que aparecem nas intervenções representam bem o conteúdo dessas drusas, onde cristais de 2 a 30 mm se formam misturados e densamente aglomerados. Basta esfacelar uma drusa de 20 cm ou mais para conseguir centenas desses cristais que são naturalmente pontudos, cortantes e perfurantes. Os maiores muitas vezes apresentam uma ou duas cicatrizes longitudinais ou pontas quebradas. Finas lascas, cortantes como giletes, resultantes dessas intervenções, são bastante comuns. Certamente a maior quantidade de cristais recuperados nos estratos não foi usada, mas faz parte da cadeia de manipulação deste material.

Nenhum material polido ou lascado com alguma perícia foi encontrado, nem mesmo na casa dos moradores atuais.

7. DISCUSSÃO:

O povoamento do planalto das Araucárias de Santa Catarina por populações consideradas ancestrais do Jê Meridional histórico acompanha a evolução da paisagem, de campos de altura relativamente desprovidos para campos salpicados de capões ou bosques de mata mista com Araucária. Mais que o campo, esta mata oferece variados elementos vegetais e animais para sustento, além de madeiras para combustão, artesanato e construção. Em expansões sucessivas esses bosques se tornaram mais numerosos, maiores e mais ricos.

As informações palinológicas sugerem que o primitivo povoador, saído dos cerrados do Brasil Central uns 3000 anos atrás, segundo os linguistas (Wiesemann, 1972; Urban, 1992), teria acompanhado esta evolução ambiental passando de grande aproveitamento do campo, com queimadas para atrair e concentrar a caça, para uma exploração cada vez maior da mata (Bauermann e Behling, 2009; Iriarte e Behling, 2007), incluindo sua transformação consciente e inconsciente em nova paisagem (Copé, 2006). E a semente de araucária se tornou o alimento básico da população. As pesquisas arqueológicas podem testar esta formulação.

Nossos problemas no planalto de Santa Catarina inicialmente eram principalmente de padrão de assentamento; eles passaram para sistema de assentamento, história do assentamento, organização social, manejo ambiental e formação de paisagem.

Nossa pesquisa nos brindou um primeiro sítio, na Boa Parada, com uma data de 690 a.C., já bem próxima da proposta chegada ao planalto. O sítio é formado por uma só estrutura habitacional a céu aberto com vários suportes para

o fogo, mas pouco nos informa a respeito de seu modo de vida. Segundo o modelo dos palinólogos, neste momento o pinheiro ainda seria bem raro no planalto; o lugar teria um pequeno bosque de mata mista com algumas Araucárias que teria provocado o assentamento. Mil e setecentos anos depois se formaria no mesmo lugar uma concentração habitacional, baseada num ambiente muito enriquecido.

Mais de mil anos depois do primeiro assentamento a céu aberto começam a aparecer isolados sítios com 'casas subterrâneas'. No Rincão dos Albinos um sítio composto por 107 'casas' e em Taió outro sítio com 12 'casas', cada um deles representando um aglomerado de restos de acampamentos temporários, datados predominantemente dos séculos VI e VII de nossa era. Segundo os palinólogos neste tempo a mata mista com pinheiros já formaria uns 20% na vegetação planaltina. Considera-se que ambos os sítios estariam ligados a bosques com Araucária, pioneiros e ainda solitários, razão da concentração de suas estruturas habitacionais; a presença humana faria crescer estes bosques e ofereceria recursos cada vez mais abundantes. Como se trata da repetição de acampamentos temporários surgiu a pergunta sobre o local e as características das habitações-sede desses acampados. Era uma das questões de nossa última pesquisa, que ainda não tem resposta.

Passados mais alguns séculos aparece um aglomerado de casas acompanhado de grandes monumentos de terra na Boa Parada e em Santo Antônio dos Pinhos. Eles se afiguram como assentamentos consolidados, datados do século XI ao século XVII de nossa era. Para este período os palinólogos colocam duas grandes expansões da mata mista com pinheiros, a primeira no século XI, a segunda no século XIII, as quais teriam levado à inversão da porcentagem da vegetação no planalto de 20 para 80% da vegetação arbórea. Com isso, nos campos se teriam multiplicado os capões como pequenos e médios nichos de tensão ecológica e, em lugares mais favorecidos, os bosques pioneiros teriam crescido em tamanho e potencial. Esta paisagem enriquecida é indicada para estes sítios.

A Boa Parada seria a instalação em ambiente de bons recursos, que teria possibilitado uma ocupação continuada, com grupos se alternando, mas, ainda assim, necessitando complementação de recursos de uma área mais ampla através de acampamentos externos de aprovisionamento, ou alternância de habitação. Por sua vez, Santo Antônio dos Pinhos, em nicho ambiental menor, teria mais dificuldade para manter uma ocupação continuada, mas poderia ser importante na complementação da Boa Parada nas três alternativas colocadas acima.

Nossa proposta é que o sítio SC-CL-64 seja considerado uma instalação alternativa completa, com habitação e monumentos funerários, para o primeiro período de ocupação da Boa Parada, o século XI; e que o sítio SC-CL-63 seja considerado instalação alternativa da Boa Parada no tempo em que este lugar parece desocupado ou pouco ocupado. Com um pormenor: como o sítio SC-CL-63 não possuía um aterro-plataforma próprio para cremação de seus mortos, estes poderiam ser enterrados no lugar formando pequenos montículos, ou levados para cremação e deposição definitiva num aterro-plataforma do sítio de

origem. Na Boa Parada também não existe mais, no período, um aterro-plataforma para cada conjunto de casas (não há mais casas grandes), mas aparentemente dois aterros coletivos para todo um grupo de casas pequenas e casas geminadas.

Estas são propostas iniciais com vistas a um sistema de assentamento, que inclui caracterização das estruturas habitacionais, organização de assentamentos, tecnologia de abastecimento, de construção e de manejo ambiental, resultando em paisagens antrópicas.

Algumas questões ficaram sem uma proposta adequada como é o ponto de origem das populações que acampavam durante séculos no Rincão dos Albinos e em Taió. Outras questões não foram nem mesmo adequadamente formuladas, como a diversidade dos monumentos de terra e a possível diferença entre os grupos que povoaram o planalto.

Ainda existe muita pesquisa a fazer e os resultados vão depender das perguntas que forem feitas.

AGRADECIMENTOS:

A equipe agradece ao Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP) e à Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) pelo apoio. À paróquia de São Pedro de São José do Cerrito pela hospedagem. A Maria Mota e sua filha Ângela Motta do sítio SC-CL-64 e a Terezinha Mota do sítio SC-CL-63 pela recepção cordial em suas propriedades. À família de Gilnei e Luciane Marian pela amizade e intermediações com a população.

REFERÊNCIAS:

- BAUERMANN, S.G. & BEHLING, H. 2009. Dinâmica paleovegetacional da Floresta com Araucária a partir do final do Pleistoceno: o que mostra a palinologia. In: Fonseca, C.R.; Souza, A.F.; Leal-Zanchet, A.M.; Dutra, T.L.; Bakes, A. & Ganade, G. (eds). *Floresta com Araucária: Ecologia, Conservação e Desenvolvimento sustentável*. Ribeirão Preto, Holos Ed.
- COPÉ, S.M. 2006. Les grands constructeurs précoloniaux du plateau du sud du Brésil: étude de paysages archéologiques à Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brésil. Paris, Université Paris I, Panthéon, Sorbonne. (tese de doutorado).
- CORTELETTI, R. 2012. *Projeto arqueológico Alto Canoas – Paraca: um estudo da presença Jê no planalto catarinense*. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia USP. (tese de doutorado).
- IRIARTE, J. & BEHLING, H. 2007. The expansion of Araucaria Forest in the Southern Brazilian highlands during the last 4000 years and its implications for the development of the Taquara/Iitararé Tradition. *Environmental Archaeology* 12 (2): 115-127.
- REIS, M.J. 2007. *A problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no planalto catarinense*. Erechim, Habilis.
- SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H.; NOVASCO, R.V.; MERGEN, N.M. & FERRASSO, S. 2013a. Rincão dos Albinos, um grande sítio Jê Meridional. *Pesquisas, Antropologia* 70: 65-131.
- SCHMITZ, P.I.; ROGGE, J.H.; NOVASCO, R.V.; MERGEN, N.M. & FERRASSO, S. 2013b. Boa Parada, um lugar de casas subterrâneas, aterros-plataforma e 'danceiro'. *Pesquisas, Antropologia* 70: 133-195.

URBAN, G. 1992. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. Cunha, M.C. (org.) *História dos índios do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, FAPESP, p. 87-102.

WIESEMANN, U. Os dialetos da língua Kaingang e Xokleng. *Arquivos de Anatomia e Antropologia* 3.